DURANTE MEU CRESCIMENTO, fui ensinada a sempre ser honesta. Então, quando um cliente entrou querendo comprar *menchi-katsu*, eu disse a ele que o supermercado do outro lado da rua estava vendendo o mesmo produto pela metade do preço para o evento noturno deles. Eu tinha visto um anúncio no jornal. Mas quando meu pai ouviu eu contando isso a eles, ele me deu um tapa na cabeça. Foi assim que aprendi que nenhuma boa ação passa sem punição.

Sinceramente, é culpa dele por me fazer tocar a loja. Juro, ele nunca aprende.

Você pensaria que meus pais me dariam um dia de folga agora que as finais estão chegando, mas, infelizmente não foi isso que aconteceu. Dito isso, se eles tivessem me dado o dia de folga, não posso garantir que teria passado estudando. Não, provavelmente eu teria me enfiado embaixo do kotatsu para tirar uma soneca. Talvez eles me conheçam muito bem. Então olhei pela janela.

"Oh, lá vem ela de novo."

Do outro lado da rua, vi uma pequena figura surgir entre a tabacaria fechada e o prédio ao lado - uma menina estranha com cabelos azuis brilhantes. Ela acenou para nós alegremente com as duas mãos enquanto corria até a loja. Ultimamente, ela vinha todas as noites, sempre para comprar a mesma coisa.

Como de costume, ela entrou na loja, ficou na ponta dos pés e levantou três dedos pequeninos.

"Eu gostaria de três croquetes, por favor."

"O de sempre? Já estou preparando."

Dessa vez, não mencionei o mercado noturno. Em vez disso, passei o pedido para a cozinha, onde meu pai preparou três croquetes fresquinhos. Peguei e os coloquei em um recipiente para viagem e entreguei para a menina em troca das moedas dela. Sem perder tempo, ela abriu a tampa e devorou um ali mesmo.

"Tão bom!"

Satisfeita, ela saiu, atravessou a rua e desapareceu entre os prédios novamente. Passei a me perguntar se ela vinha aqui por diversão ou se os pais dela a tinham mandado. Mas não importava quantas vezes ela viesse, meu pobre pai nunca conseguia se acostumar em vê-la por aqui. Sempre ficava tenso como um cervo diante dos faróis.

Parece que ela era amiga da Hino. Nenhuma surpresa aí - Hino tinha muitos amigos estranhos. Eu, por outro lado, era normal.

Quando minha mãe terminou suas tarefas, ela saiu para o balcão e me disse que assumiria meu lugar, então eu estava livre para voltar para dentro de casa. E

como eu era uma garota honesta vivendo uma vida honesta, fiz o que me mandaram.

Antes de sair, no entanto, olhei para o letreiro pendurado acima: CARNES NAGAFUJI. Sempre me dava fome só de olhar para ele - especialmente a parte das "CARNES". Gostava de olhar para ele toda vez que chegava em casa. Agora que penso nisso, talvez esse letreiro tenha sido o que inspirou meu apelido de infância, "Beefuji". Quanto mais eu olhava para ele, mais fome sentia, então decidi entrar logo.

Depois de passar pelo vão da porta nos fundos da loja, tirei os sapatos e entrei na sala de estar. Após a correria do almoço, toda a casa sempre cheirava a óleo de fritura. Como eu morava ali, nunca percebia muito, mas uma das minhas amigas sempre dizia que isso a deixava com fome. Por acaso, essa amiga — Hino — estava atualmente relaxando debaixo da nossa mesa kotatsu, comendo feijão e assistindo TV.

Ao entrar, ela se virou e me olhou. Então ela sorriu e me entregou seu recipiente vazio de isopor.

"Me traz mais!"

"Vá pra casa."

Ignorei a demanda dela, dei a volta pela mesa e me sentei. Hino voltou-se para a TV. Por que ela passa tanto tempo na minha casa? Um dia éramos apenas duas crianças que frequentavam o mesmo jardim de infância, e então ela veio para minha casa um dia e comeu croquetes comigo. Não me lembro de como nos conhecemos, mas lembro que costumávamos nos chamar pelos primeiros nomes. Então, em algum momento no início do ensino fundamental, passamos a usar os sobrenomes e continuamos assim.

"Hino era realmente baixa naquela época. Ela nunca me ultrapassou em altura."

"Por que você nunca cresce, afinal?" Eu refleti em voz alta, olhando para ela pensativamente.

"Quer resolver isso na porrada?!" Ela estendeu a mão em direção ao meu peito, mas eu afastei sua mão com um tapa.

Pensando bem, ela preferia peixe em vez de carne vermelha. *Será que era por isso? O peixe?* Isso é hilário. Por outro lado, minha mãe adorava peixe também, e ela era enorme. Talvez a Hino simplesmente não estivesse se esforçando o suficiente. Mas, na verdade, não importava muito o quão alta ela fosse. Ela sempre estava por perto, então eu não precisava procurá-la muito.

Então me ocorreu o seguinte: Olhando para o passado, consegui memorizar o nome da Hino muito rapidamente, não foi? Talvez eu estivesse apenas animada em fazer minha primeira amiga. Mas agora? Agora eu estava acostumada com ela da mesma forma que estava acostumada com o cheiro de óleo de fritura — sua presença era uma certeza. Não é como se alguém realmente prestasse atenção ao ar que estava respirando, sabe?

"Você já esqueceu qual é o meu nome?", perguntei.

"…Você realmente acha que eu sou burra, né?", ela se sentou, inclinou-se para frente e apoiou o queixo na mesa, enquanto me encarava com raiva. Por algum motivo, ela sempre chegava a essa mesma conclusão, mesmo que não fosse minha intenção. Melhor pergunta: *Por que todo mundo parecia pensar que eu era burra?* Era um mistério total.

"Oh, é mesmo, e teve aquela outra coisa", eu murmurei enquanto relembrava. Nossa, isso me faz voltar no tempo. Não conseguia me lembrar por que costumávamos fazer isso, mas tudo bem. Decidi tentar de novo.

Eu me arrastei para fora do kotatsu e a chamei. "Vem aqui um instante." Então tirei meus óculos. Naquela época, minha visão era muito melhor.

"O que você quer? Vai me dar alguma coisa?"

"Sim."

"Oh, sério?" Ela se arrastou de quatro na minha direção. *Será que ela estava esperando mais feijão?* Que marota. Estendi a mão para ela.

"O que...?"

Então levantei a franja dela e pressionei meus lábios na sua testa. Realmente, estava tão firme quanto naquela época. Um pouco fria, porém. Deve ser a estação ou algo assim.

Hino ficou paralisada por um momento. Então dei-lhe uma lambida, e ela deu um pulo para trás, inclinando todo o seu corpo para longe de mim. Olhos arregalados, ela tocou a testa. Essa não foi a reação que eu estava esperando. Naquela época, ela sempre se vingava fazendo a mesma coisa de volta. E passávamos o dia inteiro assim.

“De onde veio isso?!”

“Ah, eu estava só lembrando como costumávamos fazer isso o tempo todo quando éramos pequenas.”

Os olhos de Hino se moveram, nervosos. “Ah... certo... entendi. Mas a gente não é mais criança, sabe? A gente é... uh...”

“E daí? Será que alguma coisa realmente mudou?” eu perguntei.

Ela ficou em silêncio, olhou ao redor um pouco mais e depois deixou os ombros caírem em derrota. “Não, não mudou.”

“Continuamos iguais como sempre,” eu concordei.

Ela sorriu, ainda segurando sua franja para cima. E quando olhei para ela, tudo fez sentido.

Claro, talvez ninguém prestasse atenção ao ar... mas ainda assim você podia senti-lo contra a sua pele.